A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA ESSENCIAL E CRÍTICA

SILVIA MABEL DE SOUZA ROCHA

RESUMO

O artigo mostra que a contação de histórias na Educação Infantil vai além de passar de tempo, ou ler por ler, é uma prática pedagógica primordial para o desenvolvimento emocional, social e cognitivo das crianças. Ao acessar o mundo simbólico das historiarias, os pequenos têm acesso a sentimentos, constroem vínculos afetivos e desenvolvem o sentimento de empatia. A ludicidade presente o mundo do faz de contas favorece o comprometimento e a conquista de uma aprendizagem significativa, transformando o professor em um mediador entre a história e o cotidiano da criança. Assim, contar histórias é um ato de acolhimento, formação de valores e promoção do desenvolvimento integral. Além disso, a contação de histórias contribui para o enriquecimento do vocabulário, estimula a escuta atenta e fortalece a imaginação e a criatividade. Por meio das narrativas, as crianças são levadas a refletir sobre suas próprias vivências e sobre o mundo que as cerca, o que favorece a ampliação de repertório cultural e a construção de identidade. Quando a criança é inserida em um contexto e se permite viver num mundo com diferentes personagens e situações elas entendem a diversidade de pensamentos, culturas e modos de ser. Assim, o momento da história se transforma num espaço privilegiado de interação entre educador e criança, promovendo um ambiente afetivo e acolhedor, essencial para a aprendizagem na infância. A escuta sensível do professor, aliada à escolha cuidadosa de boas obras literárias, fortalece a relação entre os conteúdos trabalhados e as experiências de vida dos pequenos.

PALAVRAS-CHAVE: Contação de histórias; Educação Infantil; ludicidade; empatia; aprendizagem significativa

INTRODUÇÃO

O ato de contar histórias é uma prática que vem desde os primórdios da existência humana, presente em todas as culturas e tempos, o ato de contar histórias no ambiente educacional vai além do ato de entreter crianças e se estabelece como uma poderosa ferramenta de ensino e aprendizagem. Na Educação Infantil, a contação de histórias tem o papel essencial na formação integral das crianças, uma vez que promove o desenvolvimento da linguagem, da imaginação, da escuta e da capacidade de refletir sobre si e o mundo ao seu redor. O presente tem como embasamento à luz de documentos norteadores da educação brasileira, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que traz importantes apontamentos sobre a importância de uma escuta ativa sobre as produções e a produção das narrativas que acontecem nos momentos de contações de histórias. como ações fundamentais para a vivência da linguagem oral e escrita desde a primeira infância. É nesse contexto que este artigo busca refletir criticamente sobre a contação de histórias como uma prática pedagógica intencional, afetiva e cultural, capaz de contribuir para a construção de uma infância plural, democrática e significativa. O trabalho mostra uma perspectiva em que a valorização da diversidade nas histórias, deve acontecer a fim de mostrar o reconhecimento da formação do educador como mediador de histórias, quando este faz o seu papel no planejamento intencional das vivências de leitura e a necessidade de ressignificar essa prática no cotidiano escolar. Uma vez que contar histórias vai além do entretenimento ou passar o tempo é um ato político e pedagógico, que permite às crianças oportunidades de ampliação de repertório e o desenvolvimento do pensamento crítico e vivenciar experiências estéticas e emocionais fundamentais para o seu crescimento.

DESENVOLVIMENTO

A contação de histórias na Educação Infantil deve ser compreendida não apenas como um ato de entreter, mas como uma prática pedagógica intencional, com o intuito for-

mativo, com sabor de afeto e ação cultural. Para isso, é importante que professores e as instituições educacionais compreendam a dimensão crítica e o papel no desenvolvimento integral das crianças, conforme previsto nos documentos norteadores da educação brasileira.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) orienta que a Educação Infantil, as experiências com a linguagem oral e escrita devem oportunizar que as crianças possam se expressar, escutar e contar e recontar histórias, aprimorando a escuta sensível e a imaginação. De acordo com o documento:

"A escuta, a leitura e a produção de narrativas orais, como histórias e contos, devem fazer parte da rotina das crianças, pois contribuem para o desenvolvimento da linguagem, da criatividade, da memória e do pensamento" (BNCC, 2017, p. 39).

Mesmo com esse reconhecimento vemos que o ato de contar histórias tem sido muitas vezes tratada de maneira superficial, e sem intencionalidade pedagógica muitas vezes reduzida como um momento de "acalmar" as crianças. O que podemos desconsiderar seu valor enquanto experiência estética, cultural e formadora de identidades. É importante que se reflita criticamente sobre quais histórias estão sendo contadas, de quais culturas elas vêm, quais representações o mundo pode oferecer às crianças e como contribui (ou não) para a construção de uma infância plural e democrática.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) orientam que as práticas pedagógicas devem assegurar "experiências que auxiliem a participação das crianças em situações que os façam construir sentidos sobre a cultura escrita" (BRASIL, 2010, p. 17). Assim a contação de histórias, coloca a criança no universo simbólico da linguagem, estimulando ao interesse pela leitura e ampliando seu repertório cultural.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), no artigo 29, garante que a Educação Infantil tende a "promover o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social". Assim contar histórias facilita o desenvolvimento integral dos pequenos, uma vez que possibilita a criança nomear e compreender os seus sentimentos, conseguindo assim resolver os conflitos e refletindo sobre os valores humanos, sociais e éticos, através da mediação de adultos e atentos às suas infâncias.

Quando o adulto conta histórias este se posiciona como um sujeito que dialoga com a cultura e com o imaginário das crianças, a escolha de obras literárias de qualidade, que valoriza a diversidade de autores, personagens e narrativas, rompendo com estereótipos e ampliando os horizontes simbólicos da infância. Como afirma Abramovich (1997), "ouvir histórias é uma necessidade humana", pois elas alimentam o pensamento, a fantasia e a construção de significados sobre o mundo.

Logo, contar histórias vai além de distrair, é um ato político, pedagógico e cultural. É através de novas narrativas que podemos formar sujeitos críticos, sensíveis que se sintam capazes de transformar o mundo a sua volta. Assim os profissionais da Educação Infantil assumem o papel de transmitir uma prática que seja vivida com respeito à infância, com intencionalidade educativa e compromisso com a construção de uma escola mais justa e equitativa.

Contar histórias é uma prática que atravessa gerações e culturas, sendo das maneiras mais ricas de transmissão de saberes, valores e afetos. A contação de histórias na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, tem como intuito revelar como uma potente ferramenta pedagógica, capaz de promover aprendizagens significativas, estimular a linguagem oral, favorecer a escuta atenta e, sobretudo, desenvolver a imaginação e a criatividade das crianças. Santos (2020) explica que:

O ato de contar histórias acompanha a humanidade desde os primórdios. Os homens das cavernas já narravam os acontecimentos do seu cotidiano, como demonstram as inscrições rupestres. Por meio das narrativas, o homem preserva a memória; divulga o conhecimento; compartilha a cultura; exerce religiosidade e prestígio; promove entretenimento; expressa suas emoções e impressões. Muitas narrativas fundamentam-se em tradições populares de diversos povos,

inclusive comunidades ágrafas. Contar uma história consiste em apresentar para um público específico uma narrativa que parte de certa leitura de mundo.

A autora explica que a contação de histórias é uma prática ancestral que acompanha a humanidade desde os seus primórdios. Nos tempos das cavernas, os seres humanos buscaram maneiras de registrar e compartilhar suas vivências, como mostram as inscrições rupestres que retratam cenas do cotidiano, como caçadas e rituais.
Hoje contar histórias dentro do ambiente escolar permite ao educador a oportunidade de criar um ambiente simbólico, onde o faz de conta pode ganhar vida além de permitir que as crianças acessem a universos distantes, podendo dialogar com diferentes personagens e enfrentarem, de maneira simbólica, conflitos, medos e desejos. Esse momento não é apenas lúdico ele se configura como um espaço de aprendizagem integral, em que aspectos cognitivos, emocionais e sociais são mobilizados. Lima, Mendonça e Sampaio (2018 p. 5) explicam que,

o contar história é um instrumento didático significativo, que permiti não apenas o contador, mas, o ouvinte a expressar experiências reais, com uma dose de imaginação e imersão na situação proporcionada por esta prática. As histórias proporcionam uma visão além, através delas é possível conhecer outros costumes, tradições, culturas e valores que permitem um estímulo relevante para formação do cidadão. Por isso o professor, ou contador deve criar um ambiente que provoque no ouvinte o suspense, um olhar de surpresa, curiosidade, cause um encantamento e desperte suas emoções, onde os personagens se tornam tanto reais como imaginários fazendo parte da vida do indivíduo.
Assim compreende-se que as histórias têm como função criar pontes para o conhecimento da diversidade cultural e humana. Os contos populares, mitos, lendas ou histórias reais apresentam modos de vida distintos, contribuindo para o respeito e valorização das diferenças.
Na prática educativa, a contação de histórias pode ser realizada de diferentes formas: com o uso da voz e da expressividade corporal, com o auxílio de fantoches, objetos simbólicos, livros ilustrados ou ainda com técnicas como o teatro de sombras. O que vale é que a contação seja envolvente e significativa para o grupo, respeitando a faixa etária e os interesses das crianças. O encantamento gerado pela narrativa permite que os pequenos se tornem participantes ativos, antecipando enredos, completando frases, recriando finais ou dramatizando os personagens. Lima, Mendonça e Sampaio (2018 p. 6) ainda explicam que,

Inúmeras são as possibilidades proporcionadas pela contação de história no ambiente escolar, que atingem não apenas o objetivo de despertar a imaginação, a emoção e o momento de descontração e diversão para a criança, mas, principalmente o de educar, resgatar a sensibilidade, estimular o desenvolvimento da inteligência, o pensamento crítico e criativo, a socialização entre os grupos instruindoos para tornarem-se cidadãos conscientes, além de despertar o gosto pela leitura de forma prazerosa.

As autoras nos levam a compreendermos que a prática da contação de histórias no contexto escolar tem como intuito abranger uma diversidade de possibilidades pedagógicas que ultrapassam o entretenimento, despertando a imaginação, além de promover o envolvimento emocional e proporcionar momentos lúdicos e prazerosos, exercendo um papel significativo na formação integral da criança. Por meio das narrativas, é possível educar, estimular a sensibilidade, favorecer o desenvolvimento cognitivo, fomentar o pensamento crítico e criativo, e promover a socialização. Tais experiências contribuem, ainda, para a construção da cidadania e para o incentivo à leitura como prática prazerosa e significativa. As autoras contam que,

A contação de história como prática pedagógica escolar é muito importante, pois ela contribui para a formação da criança em todos os aspectos, mexendo com sua imaginação, preparando para o exercício da cidadania, desenvolvendo sua percepção de ver além. Embora a contação de história seja necessária as escolas têm explorado me-

nos do que poderia ser explorar. A arte de contar história permite que a criança tenha a oportunidade de alimentar sua imaginação, enriquecer e ampliar seu vocabulário, além de proporcionar o autoconhecimento, autoidentificação, a refletir e enxergar criticamente o que se ouve. Lima, Mendonça e Sampaio (2018 p. 6)

A contação de histórias como prática pedagógica é fundamental no processo educativo, uma vez que contribui significativamente para o desenvolvimento integral da criança. Ler e falar vai além do simples passar de tempo, estimula a imaginação, amplia o vocabulário e favorece o autoconhecimento e a identificação com personagens e situações. Ouvir histórias faz com que a criança seja incentivada a refletir, a desenvolver uma escuta crítica conseguindo assim enxergar o mundo com sensibilidade e profundidade. A contação é um ato político uma vez que prepara a criança para o exercício da cidadania, o auxiliando na construção de valores e atitudes. Mas, apesar de sua importância, essa prática ainda é pouco explorada nas escolas, o que reforça a necessidade de valorizá-la como ferramenta pedagógica rica em possibilidades educativas.

Outro exemplo de prática são a contação de histórias feita em roda, que onde o adulto lê um conto clássico e, posteriormente, propõe uma dramatização com as crianças, permitindo que elas assumam papéis, escolham falas e reinventem a narrativa. Esses momentos fortalecem a linguagem, além de promover o trabalho em grupo, o respeito à vez de falar e a construção de identidades, já que as crianças podem se ver como protagonistas de suas próprias histórias. Oliveira e Junior (2019) explicam que,

O professor deve estar preparado com um bom planejamento de aula, em que as atividades possuam fundamento e são criteriosamente escolhidas, portanto, é imprescindível ter o mesmo cuidado na escolha da história que é apresentada aos alunos, pois será a partir dela que novas descobertas e aprendizagens serão feitas. Fica evidente a importância desse momento de preparação, que exige um critério seletivo para a escolha do livro e familiarização com a história que será contada.

É importante destacar que a contação de histórias pode ser um instrumento de promoção da diversidade cultural. Quando apresentamos narrativas africanas, indígenas, orientais e de outras origens, estamos contribuindo para o reconhecimento e a valorização das diferentes culturas, o que se faz combater os estereótipos além de ampliar o repertório simbólico das crianças. Esse contato com múltiplas vozes e tradições enriquece a experiência formativa e promove uma educação mais inclusiva e plural.

Entretanto, para que a contação de histórias cumpra plenamente seu papel, é primordial que ela esteja inserida de forma intencional no planejamento do professor. Não sendo usada apenas para “preencher um tempo” ou “acalmar a turma”, mas é possível contar histórias pensando nos objetivos que podem ser alcançados por meio da narrativa.

O VALOR EMOCIONAL E LÚDICO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

O ato de narrar histórias é a transmissão de uma linguagem lúdica e potente, que tem o intuito de despertar emoções e estimulando a construção de vínculos afetivos no ambiente escolar. Nos momentos de história a criança entra em universos simbólicos que podem dialogar com suas emoções, possibilitando que eles reconheçam e elabore sentimentos, angústias e desejos. Assim podemos dizer que a contação de histórias pode se constituir em momentos, de acolhimento emocional, essencial nos primeiros anos de vida, quando o desenvolvimento afetivo está em processo intenso de estruturação.

Além do mais, nos momentos de histórias a ludicidade se faz presente na sendo uma ferramenta pedagógica primordial. Conforme Kishimoto (2010), o lúdico é parte constitutiva da infância e, quando inserido de forma planejada na prática educativa, amplia as possibilidades de aprendizagem favorecendo a motivação. Quando se conta histórias de forma expressiva, com entonação de vozes diferentes para os personagens, recursos como objetos simbólicos, variações no ritmo isso causa encantamento e engajamento por parte das crianças. o que colabora para uma aprendizagem significativa, uma vez que acaba abrangendo o seu corpo,

mente e o coração.
O convívio com diferentes narrativas contribui para o desenvolvimento de laços afetivos. Quando se vivencia, mesmo que simbolicamente, os sentimentos dos personagens, as crianças se colocam no lugar do outro, entendendo as emoções diversas como tristeza, medo, coragem e solidariedade. É nessa escuta sensível que construímos valores humanos e formamos cidadãos mais conscientes e respeitosos com as diferenças. Assim, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) esclarece o quão importante é a escuta e o acolhimento das diferentes emoções, possibilitando o desenvolvimento da empatia, da cooperação e do respeito com o outro desde os primeiros anos da Educação Infantil (BRASIL, 2017).
Assim, o professor não é apenas um leitor de histórias, mas um mediador que auxilia a criança a nomear o que sente, interpretar símbolos e fazer relações com a sua realidade. A escuta atenta do educador diante das falas e reações das crianças durante e após a contação pode ser uma oportunidade para acolher conflitos internos, perceber necessidades emocionais e estimular o diálogo, a reflexão e o cuidado mútuo. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), defende que ofertemos aos nossos alunos uma educação voltada para o desenvolvimento da criança, à formação para a cidadania e os qualificando para uma vida plena (BRASIL, 1996).
Assim, a prática da contação de histórias na Educação Infantil ultrapassa a função meramente recreativa. Ela se configura como uma linguagem pedagógica integral, que une o lúdico ao conhecimento, a emoção à razão, o individual ao coletivo. Cabe ao educador assumir esse papel com consciência, sensibilidade e formação contínua, reconhecendo que cada história contada pode transformar uma escuta em experiência e cada escuta em um gesto de humanidade.
A contação de histórias nos leva a compreender os momentos emocionais e afetivos, tendo um papel fundamental no desenvolvimento da linguagem oral e das habilidades cognitivas das crianças. Quando as crianças são colocadas em uma posição de poder escutar histórias com regularidade estas são convidadas a ampliar o seu repertório linguístico, conhecem novas estruturas gramaticais, aumentando assim além do seu vocabulário a capacidade de escuta, atenção e memória. O contato com o mundo das histórias exercita a imaginação, o raciocínio lógico e a organização do pensamento, beneficiando a construção de sentidos e significados. O diálogo que acontece nos momentos de história faz com que os pequenos possam também exercitar a argumentação, o pensamento crítico e a criatividade além das competências que são primordiais para sua formação integral.

A FORMAÇÃO DO EDUCADOR COMO MEDIADOR DE NARRATIVAS SIGNIFICATIVAS

É relevante que se reconheça a figura do educador como contador de histórias. Sua preparação, sua paixão pelos livros, seu modo de narrar e interagir com o grupo são elementos importantes para transformar uma criança em um adulto leitor. Quando o professor se envolve verdadeiramente com a história que conta, ele contagia os ouvintes, os fazendo despertar para o prazer pela escuta e pela leitura. Quando se escuta boas histórias, contadas com afeto e criatividade, a criança desenvolve não apenas a linguagem, mas o desejo de se tornar leitora, escritora e criadora de suas próprias narrativas. Oliveira e Junior (2019) enfatizam que,

O professor deve estar preparado com um bom planejamento de aula, em que as atividades possuam fundamento e são criteriosamente escolhidas, portanto, é imprescindível ter o mesmo cuidado na escolha da história que é apresentada aos alunos, pois será a partir dela que novas descobertas e aprendizagens serão feitas. Fica evidente a importância desse momento de preparação, que exige um critério seletivo para a escolha do livro e familiarização com a história que será contada.

Assim, a contação de histórias na prática educativa não é apenas um recurso complementar, mas um verdadeiro eixo estruturante da educação infantil e dos anos iniciais. É através da leitura que a criança se encanta com o mundo das palavras, aprende a se expressar, a imaginar, a sentir e a se conectar com os outros. Em um tempo marcado pela

pressa, pelo excesso de estímulos e pelo empobrecimento das interações, contar histórias é um ato de resistência pedagógica e de cuidado com a infância.

O professor precisa estar preparado para selecionar obras literárias de qualidade, que estejam em sintonia com os direitos de aprendizagem e com os princípios da equidade, da inclusão e da valorização da diversidade, conforme preconiza a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ao afirmar que a Educação Infantil deve garantir experiências que promovam "a escuta, a fala, o pensamento e a imaginação" (BRASIL, 2017). Essa formação não se limita ao domínio da leitura expressiva, mas exige uma postura investigativa e sensível diante das infâncias.

Segundo Xerez, Fialho, Castro e Marques (2018 p. 19) explicam que,

A ação pedagógica do professor transcende a perspectiva de que o docente formador desenvolve essencialmente atividades técnicas, pois, quando este é concebido como mediador de conhecimentos, capaz de instigar a curiosidade e despertar uma visão holística e crítica da realidade, assume sua real função de educador. De tal modo, seu ofício pode ser legitimado e sua autoridade reconhecida, mesmo com o estreitamento de laços afetivos, posto que o respeito e a admiração são conquistados pela qualidade do seu trabalho.

Então podemos compreender que as práticas de leitura devem ser valorizadas desde cedo, fazer vivências onde a criança crie um elo positivo com os livros e com os diferentes gêneros textuais, favorece o desempenho escolar, para a formação de sujeitos autônomos, criativos e reflexivos. Assim, a leitura abre portas para que as crianças entendam o mundo à sua volta, apreciem outras culturas, desenvolvam sentimentos como a empatia e construa a sua identidade.

A qualidade da contação de histórias está diretamente relacionada à formação do educador, que deve ser entendida para além de ações técnicas, no entanto, é imprescindível que este também se qualifique nos termos culturais, afetivos e políticos. O professor precisa estar preparado para selecionar obras literárias de qualidade, que estejam em sintonia com os direitos de aprendizagem e com os princípios da equidade, da inclusão e da valorização da diversidade. Essa formação não se limita ao domínio da leitura expressiva, além de se exigir uma postura investigativa e sensível diante das infâncias.

Nesse sentido, é fundamental que as instituições de formação inicial e continuada incluam, em seus currículos, momentos de estudo e vivência sobre a literatura infantil, suas linguagens e potências pedagógicas. O educador deve ser incentivado a cultivar o gosto pela leitura, ampliar seu repertório literário e desenvolver habilidades narrativas que contribuam para práticas mais significativas e críticas no cotidiano da sala de aula.

Oliveira e Junior (2019) ainda explicam que, “A leitura desperta sentimentos, emoções, afetividade e na infância também auxilia na estimulação do imaginário, criando uma comparação com as situações vivenciadas, facilitando a compreensão da realidade”, por isso é importante que o educador conheça os interesses, os modos de escuta e os repertórios culturais das crianças com as quais trabalha. Contar histórias não é apenas transmitir uma narrativa pronta, mas dialogar com os saberes e afetos infantis. É preciso criar espaços para que as crianças participem ativamente do processo, opinem, perguntem, reinventem. Dessa forma, o ato de contar histórias torna-se um exercício de escuta atenta, de respeito às múltiplas infâncias e de valorização da diversidade de vozes presentes na escola.

Dessa forma, oportunizar momentos de leitura e de contação de histórias desde a Educação Infantil requer do professor uma conduta sensível e aberta às múltiplas formas de expressão das crianças. Quando entendemos que cada criança traz consigo suas próprias particularidades, sua forma de imaginar e interpretar o mundo, poder transformar o momento da história em uma experiência coletiva, rica em trocas simbólicas. Prestigiar o repertório das crianças e reconhecer a diversidade cultural presente dentro do ambiente escolar oportunizando pontes entre o mundo dos livros e a vida real, faz com que a leitura e as histórias deixem de ser uma prática passiva e passa a ser um território de construção coletiva de sentidos, onde as crianças se veem representa-

das, escutadas e valorizadas como sujeitos de direito e protagonistas de suas aprendizagens.

CONCLUSÃO

O artigo mostrou a importância da contação de histórias na Educação Infantil mostrando como a prática pedagógica, pensada pode ser significativa e necessária para o desenvolvimento integral das crianças é importante que os educadores considerem a literatura infantil e a contação de histórias como importantes recursos para o desenvolvimento leitor de nossas crianças.

Quando a criança é colocada em situações para ouvir e vivenciar histórias, elas desenvolvem habilidades primordiais como uma escuta sensível, a expressão oral, o pensamento crítico e criativo, além de ampliarem o repertório cultural e emocional. Essa prática também oportuniza o fortalecimento de vínculos afetivos, a construção de identidades e a valorização de diferentes culturas e formas de ver o mundo.

Para que essa experiência seja efetivamente formadora, é necessário que os educadores planejem a contação de histórias com intencionalidade pedagógica, escolhendo obras literárias de qualidade, que respeitem a infância e contribuam para a construção de uma sociedade mais justa, plural e democrática. O educador, como mediador e contador, deve estar sensibilizado quanto ao seu papel transformador, sendo um facilitador do encontro entre a criança e o universo simbólico da narrativa.

Dessa forma, reafirma-se que a contação de histórias é uma prática ancestral que deve ser ressignificada e valorizada no cotidiano escolar, pois ela alimenta a alma, desperta emoções, ensina valores, estimula a imaginação e contribui de maneira potente para o processo de aprendizagem e formação cidadã das crianças. Promover esse espaço de escuta, encantamento e reflexão é uma das formas mais belas e eficazes de educar na infância.

REFERENCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: Gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 21 abr 2024.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: Ministério da Educação, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/diretrizescurriculares-para-a-educacao-infantil. Acesso em: 21 abr 2024.

BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 21 abr 2024.

KISHIMOTO, Tizuro Morchida (Org.). Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação. 13º edição. São Paulo: Cortez, 2010.

LIMA, Rosângela; MENDONÇA, Danielle; SAMPAIO, Giuliana. A contação de história como ferramenta didática. Revista de Práticas Pedagógicas, v. 2, n. 2, p. 35–44, jul./dez. 2018. Disponível em: https://fadminas.edu.br/wp-content/uploads/2023/10/3aedicao.pdf#page=5. Acesso em: 21 abr. 2025.

DE OLIVEIRA, Samantha Aniceto, and Claudio Roberto Antunes Scherer Júnior. "A contação de histórias no ensino fundamental: fundamentos e planejamentos." Cadernos da Pedagogia 13.25 (2019).

Xerez, A. S. P., Fialho, L. M. F., Castro, F. M. F. M., & Marques, J. L. do M. (2018). FORMAÇÃO PEDAGÓGICA E CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE. InterMeio: Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Educação - UFMS, 24(47). Recuperado de https://periodicos.ufms.br/index.php/intm/article/view/5968